

I VOLUME

1

Sir Walter Elliot, de Kellynch-hall, no Somersetshire, era um homem que, para se distrair, nunca pegava noutro livro que não fosse o *Baronetage*. nele encontrava ocupação para uma hora de lazer e consolo numa de aflição; nele as suas faculdades despertavam para a admiração e o respeito, ao contemplar o limitado resíduo dos títulos mais antigos; nele, quaisquer sensações importunas, resultantes de assuntos domésticos, transformavam-se naturalmente em compaixão e desdém, enquanto perpassava o olhar pelos quase infindáveis novos títulos do século anterior — e nele, se uma ou outra folha era ineficaz, podia ler a sua própria história com um interesse que nunca o decepcionava. O seu volume preferido abria-se sempre na seguinte página:

«ELLIOT DE KELLYNCH-HALL.

«Walter Elliot, nascido em 1 de Março de 1760, casado em 15 de Julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, Esq., de South Park, condado de Gloucester, de cuja senhora (falecida em 1801) teve como descendência Elizabeth, nascida em 1 de Junho de 1785; Anne, nascida em 9 de Agosto de 1787; um filho nado morto, em 5 de Novembro de 1789, e Mary, nascida em 20 de Novembro de 1791.»

Fora exactamente assim que o parágrafo saíra das mãos do impressor. Mas Sir Walter melhorara-o, acrescentando, para sua pró-

pria informação e da sua família, as seguintes palavras, após a data do nascimento de Mary: «casada em 16 de Dezembro de 1810 com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, Esq., de Upper-cross, condado de Somerset», e inserindo com muito cuidado o dia do mês em que tinha perdido a esposa.

Depois vinha a história e a ascensão da antiga e respeitável família, nos termos habituais: como se tinha instalado primeiro no Cheshire; como fora mencionada em Dugdale¹ — ocupando o cargo de Alto Xerife, representando uma circunscrição em três parlamentos sucessivos, diversas demonstrações de lealdade e elevação à dignidade de baronete no primeiro ano de Carlos II, com todas as Marys e Elizabeths que tinham desposado —, preenchendo ao todo duas belas páginas em duodécimo e concluindo com o brasão de armas e a divisa: «Sede principal Kellynch-hall, no condado de Somerset» — e de novo a caligrafia de Sir Walter, neste remate:

«Herdeiro presuntivo, William Walter Elliot, Esq., bisneto do segundo Sir Walter.»

A vaidade era o princípio e o fim da personalidade de Sir Walter Elliot; vaidade pessoal e de situação. Tinha sido excepcionalmente bonito na juventude, e aos cinquenta e quatro anos ainda era um belo homem. Poucas mulheres se preocupavam mais com a sua aparência pessoal do que ele — nem o criado de quarto de qualquer lorde de fresca data poderia sentir-se mais encantado com o lugar que ocupava na sociedade. Considerava o dom da beleza inferior somente ao da baronia, e Sir Walter Elliot, que reunia estes dois dons, era objecto constante do seu mais caloroso respeito e dedicação.

A sua elegância e a sua posição social tinham um peso razoável no seu afecto, pois lhes devia por certo uma esposa possuidora de um carácter muito superior a tudo quanto o dele merecia. Lady Elliot tinha sido uma excelente mulher, sensata e afável, cujo bom

¹ Sir William Dugdale (1605-1686), autor entre outras obras, de *Monasticon Anglicanum*, *Origines Juridiciales* e *Baronage of England*. (NT)

senso e cuja conduta, desde que se lhes perdoasse a paixão juvenil que fizera dela Lady Elliot, nunca tinham, depois, precisado de indulgência. Durante dezassete anos, tinha suportado, ou suavizado, ou ocultado os defeitos dele e estimulado a sua verdadeira respeitabilidade; e embora, pessoalmente, não tivesse sido a mulher mais feliz do mundo, encontrara nos seus deveres, nos seus amigos e nas suas filhas o suficiente para a prender à vida e fazer com que não se sentisse indiferente quando o destino estipulou que se separasse deles. Três filhas, as duas mais velhas com dezasseis e catorze anos, eram uma terrível herança para uma mãe deixar; ou antes, um terrível encargo para confiar à autoridade e à orientação de um pai presunçoso e tolo. Ela tinha no entanto uma amiga muito íntima, uma mulher sensata e meritória que, movida pelo forte afecto que lhe tinha, viera instalar-se perto, na aldeia de Kellynch. E era principalmente com a sua bondade e o seu conselho que Lady Elliot contava para o melhor auxílio e a manutenção dos bons princípios e da instrução que tão preocupadamente transmitira às filhas.

Esta amiga e Sir Walter *não* casaram, ao contrário do que poderia ter sido previsto nesse sentido pelas suas relações. Tinham decorrido treze anos desde a morte de Lady Elliot e eles continuavam a ser vizinhos próximos e amigos íntimos — e viúvos ambos.

Que Lady Russell, de idade e carácter estáveis, e com uma situação económica muito boa, não tenha pensado num segundo casamento, é coisa que não precisa de ser justificada ao público, que tem muito mais tendência para ficar despropositadamente descontente quando uma mulher *volta* a casar do que quando ela *não* casa. Mas o facto de Sir Walter permanecer solteiro exige uma explicação. Saiba-se, portanto, que Sir Walter, como um bom pai (e tendo sofrido uma ou duas decepções íntimas em diligências muito insensatas), se orgulhava de permanecer solteiro por amor das suas queridas filhas. Por uma delas, a mais velha, teria realmente desistido de alguma coisa que não se tivesse sentido muito tentado a fazer. Aos dezasseis anos, Elizabeth herdara tudo quanto era possível dos direitos e da importância social da sua mãe; e como era muito bonita, e muito semelhante a ele, a sua influência fora sempre grande e tinham-se dado os dois muito bem juntos. O valor

das suas duas outras filhas era muito inferior. Mary adquirira um pouco de importância artificial ao tornar-se Mrs. Charles Musgrove, mas Anne, possuidora de uma elegância de espírito e uma doçura de carácter que deveriam tê-la colocado num elevado lugar na consideração de qualquer pessoa dotada de verdadeira compreensão, não era ninguém, nem para o pai nem para a irmã: a sua voz não tinha qualquer peso; a sua conveniência residia em transigir, ceder sempre — era apenas Anne.

É verdade que, para Lady Russell, ela era realmente uma muito querida e altamente apreciada afillhada, a sua preferida e amiga. Lady Russell amava-as a todas, mas só em Anne conseguia imaginar que a mãe poderia voltar a viver.

Alguns anos antes, Anne Elliot tinha sido uma rapariga muito bonita, mas o seu viço dissipara-se cedo — e como, mesmo no apogeu dessa frescura, o pai pouco encontrara que admirar na filha, tão completamente diferentes dos dele eram os seus traços delicados e doces olhos escuros, não podia haver neles, agora que estava estiolada e magra, nada capaz de estimular a sua estima. Nunca alimentara muita esperança, e presentemente não tinha nenhuma, de alguma vez ler o nome de Anne nalguma página da sua obra favorita. Toda a igualdade em termos de aliança tinha de assentar em Elizabeth, pois Mary mais não fizera do que ligar-se a uma antiga família rural de muita respeitabilidade e grande fortuna, e por conseguinte tinha sido ela a *dar* toda a honra sem receber nenhuma. Um dia, Elizabeth havia de casar apropriadamente.

Acontece, às vezes, uma mulher ser mais bonita aos vinte e nove anos do que foi uma década antes, e, falando de uma maneira geral, se não houve nem falta saúde nem ansiedade, trata-se de uma época da vida em que quase nenhum encanto se perdeu. Assim sucedia com Elizabeth, que continuava a ser a mesma bonita Miss Elliot que começara a ser treze anos atrás, e por isso Sir Walter podia ser desculpado por esquecer a idade dela, ou pelo menos ser considerado apenas meio tolo, por pensar que ele próprio e Elizabeth conservavam a frescura de sempre no meio dos destroços da beleza de todas as outras pessoas — pois ele via claramente como o resto da sua família e dos seus conhecidos estava a envelhecer. Anne, magra

e sem viço; Mary, vulgar; todos os rostos da vizinhança a irem de mal a pior, e a multiplicação rápida dos pés-de-galinha nas têmporas de Lady Russell, que há muito tempo o afligiam.

Elizabeth não sentia exactamente o mesmo que o pai no respeitante a satisfação pessoal. Durante treze anos fora vista como senhora de Kellynch-hall, a tudo presidindo e tudo dirigindo com uma presença de espírito e uma firmeza que jamais poderiam ter dado a ideia de que fosse mais nova do que realmente era. Durante os mesmos treze anos fizera as honras da casa e estabelecera as normas domésticas, e seguira à frente para a carruagem de quatro cavalos, saindo imediatamente atrás de Lady Russell de todos os salões e salas de jantar da região. As geadas sucessivas de treze invernos tinham-na visto inaugurar cada baile de honra que uma comunidade reduzida se podia permitir, e treze primaveras tinham mostrado as suas flores enquanto ela viajava para Londres com o pai, para algumas semanas de fruição anual do grande mundo. Ela guardava a recordação de tudo isso: tinha a consciência de contar vinte e nove anos a causar-lhe alguns pesares e algumas apreensões. Estava plenamente convencida de que ainda era tão bonita como sempre fora, mas sentia aproximarem-se os anos perigosos e rejubilaria se pudesse ter a certeza de que seria adequadamente requestada por alguém com sangue de baronete no próximo ano ou no seguinte. Então poderia pegar de novo no livro dos livros com tanto prazer como no início da sua juventude; mas agora não gostava dele. Confrontar-se sempre com a data do seu próprio nascimento e não ver seguir-se-lhe a de nenhum casamento, a não ser o de uma irmã mais nova, tornava o livro num mal, e mais de uma vez, quando o pai o deixara aberto em cima da mesa, perto dela, o fechara, evitando olhar, e o afastara.

Sofrera além disso uma desilusão que esse livro, e em especial a história da sua própria família, lhe trazia sempre à memória. O herdeiro presuntivo, o próprio William Walter Elliot, Esq., cujos direitos tinham sido tão generosamente apoiados pelo seu pai, decepcionara-a.

Quando era ainda uma rapariga muito novinha, e assim que soubera que ele seria, no caso de ela não vir a ter nenhum irmão, o futuro baronete, tencionara desposá-lo, e o pai sempre pretendia

que assim fosse. Não o tinham conhecido em rapaz, mas, pouco depois da morte de Lady Elliot, Sir Walter procurara estabelecer a convivência, e embora as suas iniciativas não tivessem sido acolhidas com qualquer entusiasmo, persistira em procurá-lo, levando em conta o modesto retraimento da mocidade. E numa das suas viagens primaveris a Londres, quando Elizabeth atingira todo o viço da sua juventude, Mr. Elliot tinha sido forçado a aceitar a apresentação.

Era, nesse tempo, um homem muito novo, que iniciara o estudo de Direito, e Elizabeth achara-o muitíssimo agradável e confirmara todos os planos a favor dele. Foi convidado para visitar Kellynch-hall, foi esperado, e motivo de conversa, durante o resto do ano — mas nunca apareceu. Na Primavera seguinte, foi de novo visto na cidade, considerado igualmente agradável e mais uma vez encorajado, convidado e esperado, e uma vez mais, também não veio. As notícias que a seguir tiveram dele foram de que estava casado. Em vez de procurar a sua sorte na linha traçada para o herdeiro da casa de Elliot, adquirira a sua independência casando com uma mulher rica de condição inferior.

Sir Walter ficara ofendido. Como chefe da família, achava que devia ter sido consultado, sobretudo depois de tão publicamente ter dado a mão ao jovem: «pois deviam ter sido vistos juntos», observou, «uma vez no Tattersal's² e duas no átrio da Câmara dos Comuns.» A sua desaprovação foi expressa, mas aparentemente tida em muito pouca conta. Mr. Elliot não tentara apresentar nenhuma desculpa e mostrou tanta indiferença em continuar a merecer a atenção da família quanto Sir Walter o considerava indigno dela: todas as relações entre eles cessaram.

Esta assaz constrangedora história de Mr. Elliot continuava, apesar de decorridos vários anos, a ser sentida com cólera por Elizabeth, que gostara do indivíduo por ele próprio, e ainda mais por ser o herdeiro de seu pai, e cujo forte orgulho familiar só *nele* podia ver um partido à altura da filha mais velha de Sir Walter

² Famoso mercado de venda de cavalos puro-sangue e grande centro de corridas criado pelo leiloeiro Richar Tattersal em Hyde Park Corner, em 1776, e transferido para Knightsbridge em 1867. (NT)

Elliot. Não existia, de A a Z, um baronete que os sentimentos dela pudessem ter reconhecido de tão bom grado como um igual. No entanto, a sua conduta fora de tal modo miserável que, embora no momento presente (o Verão de 1814) ele se encontrasse de luto pela mulher, ela jamais admitiria considerá-lo digno de ocupar de novo os seus pensamentos. A vergonha do seu primeiro casamento poderia talvez, em virtude de não haver razão para a temer perpetuada por descendência, que não deixara, ser ultrapassada, não houvesse ele feito ainda pior; mas, conforme tinham sido informados pela intervenção costumada de amigos prestáveis, ele falara muito desrespeitosamente de todos eles, muito desdenhosa e depreciativamente do próprio sangue a que pertencia e das honrarias de que por esse facto viria a desfrutar. Isso não podia ser perdoado.

Eram estes os sentimentos e as impressões de Elizabeth Elliot; estas as inquietações que transtornavam, as agitações que alteravam a monotonia e a elegância, a prosperidade e a nulidade do cenário da sua vida — eram estas emoções que emprestavam interesse a uma longa e monótona residência num círculo rural, que preenchiam as lacunas que nenhuns hábitos de utilidade no exterior, nenhuns talentos ou realizações internas, ocupavam.

Mas agora outra ocupação e apreensão de espírito começava a juntar-se-lhes: o seu pai estava a ficar em apuros financeiros. Ela sabia que, quando ele pegava agora no *Baronetage*, era para afastar do pensamento as elevadas contas a pagar e as indesejáveis sugestões de Mr. Shepherd, o seu procurador. A propriedade de Kellynch era boa, mas não estava à altura da noção que Sir Walter tinha do fausto exigido ao seu proprietário. Enquanto Lady Elliot vivera, houvera método, moderação e economia, o que chegara à justa para a manter dentro dos limites do seu rendimento; mas com ela morrera toda essa rectidão, e a partir desse período ele excedera-o constantemente. Não fora capaz de gastar menos, nem fizera nada senão o que competia imperiosamente a Sir Walter Elliot fazer; mas, apesar de isento de culpas, não só estava a ficar cada vez mais horrivelmente endividado, como também ouvia falar no caso com tanta frequência que se tornava ocioso continuar a tentar escondê-lo, ainda que parcialmente, da sua filha. Fizera-lhe algumas insinuações

a esse respeito na última Primavera, na cidade, fora mesmo ao extremo de lhe perguntar: «Podemos reduzir as despesas? Lembra-te de alguma coisa em que possamos poupar?» E Elizabeth, justiça lhe seja feita, no primeiro zelo do seu alarme feminino, pusera-se a pensar seriamente no que podia ser feito e, por fim, propusera estas duas vias de economia: cortar algumas contribuições desnecessárias para obras de caridade e desistir de decorar de novo a sala, expedientes a que depois acrescentara a ideia feliz de não levarem nenhuma prenda para Anne, como costumavam fazer todos os anos. Mas estas medidas, por muito boas que em si mesmas pudessem ser, eram insuficientes para a real extensão do mal, a qual Sir Walter se viu finalmente obrigado a confessar por inteiro à filha. Elizabeth não encontrou nada de eficácia mais garantida para propor. Sentiu-se pessoalmente ofendida e infortunada, como o pai, e nenhum deles foi capaz de definir nenhum meio de diminuir as suas despesas sem comprometer a sua dignidade ou abrir mão das suas comodidades de uma maneira intolerável.

Sir Walter só podia dispor de uma pequena parte da sua propriedade: mas mesmo que todos os hectares fossem alienáveis, não teria feito diferença alguma. Ele condescendera em hipotecar até onde lhe era permitido, mas jamais condescenderia em vender. Não, nunca envergonharia o seu nome a esse ponto. Kellynch seria transmitida intacta e inteira, como ele a recebera.

Os seus dois amigos íntimos, Mr. Shepherd, que residia na cidade com mercado mais próxima, e Lady Russell, foram solicitados a aconselhá-lo. Pai e filha pareciam esperar que um ou outro apresentasse uma solução qualquer que os livrasse do embaraço em que se encontravam e reduzisse as despesas, sem que tal envolvesse a perda de qualquer privilégio em matéria de gosto ou orgulho.

Mr. Shepherd, um advogado cortês e cauteloso que, fossem quais fossem a sua influência ou a sua opinião sobre Sir Walter, preferiria que o aspecto *desagradável* fosse apresentado por qualquer outra pessoa, escusou-se a oferecer a mínima sugestão, limitando-se a rogar que o autorizassem a recomendar uma deferência implícita para com o excelente discernimento de Lady Russell — de cujo conhecido bom senso esperava inteiramente fossem recomendadas medidas tão resolutas como as que ele próprio pretendia ver finalmente adoptadas.

Lady Russell mostrou-se ansiosamente preocupada com o assunto, a que devotou uma consideração muito séria. Mulher de uma eficiência mais segura do que rápida, teve grande dificuldade em chegar a qualquer decisão, no caso vertente, em virtude da opposição de dois princípios essenciais. Era, pessoalmente, dotada de uma integridade rigorosa, reforçada por um delicado sentido de honra; mas desejava tanto poupar as susceptibilidades de Sir Walter, era tão zelosa dos pergaminhos da família e tão aristocrática nas suas ideias acerca do que lhes era devido, como qualquer pessoa de sensibilidade e honestidade poderia ser. Era uma boa mulher, benévola e caridosa, e capaz de amizades fortes; extremamente correcta na sua conduta, rigorosa no seu sentido de decoro e senhora de maneiras que eram consideradas um modelo de boa educação. Tinha um espírito culto e era, geralmente falando, racional e coerente — mas tinha preconceitos no que tocava a linhagem, atribuía

à hierarquia e à importância social um valor que a cegava um pouco relativamente aos defeitos daqueles que as possuíam. Viúva, apenas, de um simples cavaleiro, atribuía à dignidade de baronete tudo quanto lhe era devido, e Sir Walter, independentemente das suas reivindicações como velho conhecido, vizinho cortês, senhorio obsequioso, marido da sua muito querida amiga e pai de Anne e das irmãs, tinha, pelo facto de ser *Sir Walter* e no entendimento dela, direito a muita compaixão e consideração nas presentes dificuldades que atravessava.

Tinham de reduzir despesas: isso não admitia a mínima dúvida. Mas ela tinha um grande empenho em que isso fosse alcançado com o mínimo possível de sofrimento para ele e Elizabeth. Elaborou planos de economia, fez cálculos precisos — e fez também o que mais ninguém pensou fazer: consultou Anne, que nunca parecia considerada pelos outros como tendo algum interesse na questão. Consultou-a, e até certo ponto foi influenciada por ela na elaboração do plano de economia que acabou, finalmente, por ser apresentado a Sir Walter. Todas as correcções de Anne tinham sido do lado da honestidade contra a importância. Ela queria medidas mais vigorosas, uma reforma mais completa, uma desobrigação mais rápida da dívida, um tom de indiferença mais elevado por tudo, a não ser pela justiça e pela equidade.

— Se conseguirmos persuadir o teu pai de tudo isso — disse Lady Russell, passando o olhar pelo seu papel —, muito poderá ser feito. Se ele aceitar estes preceitos, em sete anos estará liberto. E eu espero que sejamos capazes de o convencer, e à Elizabeth, de que Kellynch-hall possui uma respeitabilidade própria, que não pode ser afectada por estas reduções, e que a verdadeira dignidade de Sir Walter Elliot nem por sombras ficará diminuída aos olhos das pessoas sensatas pelo facto de ele agir como um homem de princípios. Aliás, que irá ele fazer, na realidade, senão o mesmo que muitas das nossas primeiras famílias já fizeram — ou deveriam ter feito? Não haverá nada de singular no seu caso, e muitas vezes é a singularidade a culpada da pior parte do nosso sofrimento, assim como o é, sempre, da nossa conduta. Tenho grandes esperanças de que as nossas ideias consigam prevalecer. Temos de ser firmes e decididas — porque, afinal de contas, a pessoa que

contraíu dívidas tem de pagá-las. E embora se deva muito respeito aos sentimentos do cavalheiro, e do chefe de uma casa, como o teu pai, maior ainda é o que se deve ao carácter de um homem honesto.

Era este o princípio que Anne queria que o seu pai aceitasse, que os amigos dele o instigassem a aceitar. Considerava um acto de dever imprescindível acatar as exigências dos credores, com toda a diligência que as economias mais profundas pudessem assegurar, e não via qualquer dignidade fosse no que fosse que ficasse alguém dessa meta. Queria que essa atitude fosse recomendada e sentida como um dever. Tinha em elevada conta a influência de Lady Russell, e quanto ao severo grau de espírito de sacrifício que a sua própria consciência exigia, estava convencida de que talvez não fosse muito mais difícil persuadi-los a uma reforma completa do que a meia reforma. O conhecimento que tinha de seu pai e de Elizabeth inclinavam-na a pensar que o sacrifício de uma parelha de cavalos dificilmente seria mais doloroso do que de ambas, e de que o mesmo sucederia do princípio ao fim de toda a lista de reduções demasiado brandas de Lady Russell.

Como teriam sido acolhidos os requisitos mais austeros de Anne, pouco importa. Os de Lady Russell não tiveram êxito absolutamente nenhum: não podiam ser tolerados, eram inaceitáveis. «O quê?! Prescindir de todos os confortos da vida! Viagens, Londres, criadagem, cavalos, mesa — limitações e restrições em tudo. Não poder viver, sequer, com a dignidade de um simples cavalheiro! Não, preferiria deixar Kellynch-hall imediatamente a permanecer lá em condições tão ignominiosas.»

«Deixar Kellynch-hall.» A ideia foi logo agarrada por Mr. Shepherd, cujo interesse se concentrava na realidade da redução das despesas de Sir Walter e que estava inteiramente convencido de que nada se poderia conseguir sem uma mudança de residência. «Visto a ideia ter partido da própria pessoa que devia decidir, ele não tinha escrúpulo algum», disse, «em confessar que a sua opinião passava inteiramente por aí. Não lhe parecia que Sir Walter pudesse alterar substancialmente o seu estilo de vida numa casa que tinha de fazer jus a um tal cunho de hospitalidade e vetusta dignidade. Em qualquer outro lugar Sir Walter poderia julgar por si

mesmo e, no respeitante a reger os estilos de vida, seria olhado como referência, fosse qual fosse o padrão que escolhesse para a sua própria casa.»

Sir Walter deixaria Kellynch-hall — e, após muito poucos dias de dúvida e incerteza, a grande questão de para onde iria foi igualmente resolvida e o primeiro esboço desta importante mudança, elaborado.

Houvera três alternativas: Londres, Bath ou outra casa no campo. Todos os desejos de Anne tinham ido na direcção desta última. Uma pequena casa na sua própria vizinhança, onde pudessem continuar a ter o convívio de Lady Russell e a estar perto de Mary, e ainda desfrutar o prazer de, algumas vezes, ver os relvados e o arvoredo de Kellynch, ah, isso era o objectivo da sua ambição. Mas aguardava-a a sua sorte habitual, que era a de se resignar a uma coisa francamente oposta aos seus desejos. Não gostava de Bath e não achava que se desse lá bem — mas a sua casa iria ser em Bath.

Ao princípio, Sir Walter pensara mais em Londres, mas Mr. Shepherd achou que ele não era de fiar em Londres e teve a habilidade suficiente para de tal o dissuadir e tornar Bath o sítio preferido. Era um lugar muito mais seguro para um cavalheiro na sua difícil situação: lá poderia ser importante por um custo relativamente pequeno. Evidentemente que tinha sido atribuído todo o peso devido a duas vantagens concretas de Bath sobre Londres, ou seja, a sua distância mais conveniente de Kellynch — apenas cerca de oitenta quilómetros — e o facto de Lady Russell passar uma parte de todos os invernos lá — e, com grande satisfação de Lady Russell, cuja primeira preferência sobre a projectada mudança incidira sobre Bath, Sir Walter e Elizabeth foram induzidos a acreditar que não perderiam nem importância social nem contentamento se lá se instalassem.

Lady Russell sentiu-se na obrigação de contrariar os conhecidos desejos da sua querida Anne. Seria excessivo esperar que Sir Walter se rebaixasse a ocupar uma pequena casa na sua própria vizinhança. A própria Anne teria achado as mortificações de tal decisão mais difíceis do que previa, e elas teriam sido terríveis para as susceptibilidades de Sir Walter. E quanto à antipatia de Anne por Bath, considerava-a um preconceito e um erro, decorrentes, primeiro, da

circunstância de lá ter estado três anos na escola, depois da morte de sua mãe e, segundo, pelo facto de, por coincidência, o seu estado de espírito não ser dos melhores no único Inverno que posteriormente lá passara com ela própria.

Em resumo, Lady Russell gostava de Bath e sentia-se inclinada a pensar que o lugar seria conveniente para todos eles — e quanto à saúde da sua jovem amiga, quaisquer perigos seriam evitados desde que passasse todos os meses quentes em Kellynch-lodge; era de facto, uma mudança que devia ser benéfica tanto para a saúde como para a alma. Anne saíra muito pouco de casa, fora muito pouco vista. O seu estado de espírito era melancólico, um convívio mais amplo só lhe poderia fazer bem. Lady Russell queria que ela se tornasse mais conhecida.

A inconveniência, para Sir Walter, de qualquer outra casa, na mesma vizinhança, foi sem dúvida muito reforçada por uma parte — e uma parte muito essencial, aliás — do plano que felizmente tinha sido possível apresentar no início. Ele não teria apenas de sair da sua casa, mas também de a ver em mãos alheias, uma prova de coragem moral que cabeças mais fortes do que a sua têm achado excessiva. Kellynch-hall seria alugada. Isto, porém, era um segredo profundo, que não deveria transpirar para fora do seu próprio círculo.

Sir Walter não teria podido suportar a degradação que seria saber-se que tencionava alugar a sua casa. Mr. Shepherd proferira uma vez a palavra «anunciar», mas nunca mais ousara repeti-la. Sir Walter rejeitou a ideia de ela ser oferecida fosse de que maneira fosse, proibiu a mais ligeira insinuação de que tinha semelhante intento, e deixou bem claro que somente se dignaria alugá-la na hipótese de ser espontaneamente solicitado nesse sentido por algum interessado muitíssimo irrepreensível.

Como surgem depressa as razões para aprovarmos aquilo que nos agrada! Lady Russell tinha outra razão excelente, e mesmo ali à mão, para se sentir felicíssima com a possibilidade de Sir Walter e a sua família saírem da região. Ultimamente, Elizabeth estabeleceu uma intimidade que ela desejava ver interrompida. Era com uma filha de Mr. Shepherd, que regressara, após um casamento mal sucedido, a casa de seu pai, com o fardo adicional de dois filhos.

Tratava-se de uma mulher nova e inteligente, que compreendia a arte de agradar — a arte de agradar, pelo menos, em Kellynch-hall — e que de tal modo soubera cair nas boas graças de Miss Elliot que já lá ficara mais do que uma vez, apesar de tudo quanto Lady Russell, que considerava a amizade muito imprópria, pudesse insinuar no capítulo de cautela e discrição.

Na verdade, Lady Russell quase não tinha influência nenhuma sobre Elizabeth, e parecia amá-la mais por desejar amá-la do que por ela o merecer. Nunca recebera de Elizabeth mais do que atenção exterior, nada que fosse além das regras da cortesia; nunca conseguira fazer valer qualquer opinião sua contra uma inclinação anterior contrária. Tentara repetida e muito veementemente fazer com que Anne fosse incluída na visita a Londres, abertamente sensível a toda a injustiça e a toda a depreciação inerentes às disposições egoístas que a excluía; e em muitas outras ocasiões de menor importância esforçara-se igualmente por proporcionar a Elizabeth a vantagem do seu bom senso e da sua experiência — mas sempre em vão. Elizabeth seguia o seu próprio caminho, e jamais o percorrera com uma oposição mais decidida a Lady Russell do que na sua escolha de Mrs. Clay: voltando as costas ao convívio tão meritório de uma irmã para conceder o seu affecto e a sua confiança a alguém que não deveria ser para ela nada mais do que objecto de uma civilidade distante.

Em posição social, Mrs. Clay era, no parecer de Lady Russell, uma companhia muito desigual e, em carácter, estava convencida de que muito perigosa. Assim, uma mudança que deixasse Mrs. Clay para trás e proporcionasse uma escolha de amigas mais apropriadas ao alcance de Miss Elliot, era portanto um objectivo de grande importância.